

A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA NO MUSICAL

“O MÁGICO DI Ó”

Ísis Emanuelle Silva Prior

(Universidade Estadual de Campinas)

RESUMO: Sobre a perspectiva da Tradução Intersemiótica, analisam-se as produções de sentidos e (re)interpretações dos signos em processo de tradução e intertextualidade, de modo que se considere a historicidade da produção cultural em virtude do “fazer traduzir”. O que se propõe com este artigo é analisar a tradução do clássico “The Wizard of Oz”, como peça da Broadway baseada no livro de L. Frank Braum, para “O Mágico di Ó”, musical de Vitor Rocha e Luiza Porto traduzido em forma de literatura de cordel brasileira. Considerando, também, os processos da tradução intersemiótica e apontando as diversas relações com a materialidade dos sentidos produzido pela cultura do sertão, a análise também terá foco em discutir como os signos pertencentes à cultura brasileira são articulados nas diferentes mídias nas quais a tradução está se perpetuando (como livro, música, musical e filme).

Palavras-chave: tradução intersemiótica; estudos da tradução; literatura brasileira.

ABSTRACT: From the perspective of intersemiotic translation, meaning and (re)interpretation of signs can be analyzed through translation and intertext methods, so that cultural-historical production is taken into account in translation. In this article, we will analyze the translation of the classic "The Wizard of Oz" as a Broadway play, inspired by the book by L. Frank Braum, and "O Mágico de Ó", a musical by Vitor Rocha and Luiza Porto, translated into Brazilian Portuguese as Cordel literature. Given the intersemiotic process of translation and the numerous connections to the materiality of meanings associated with Sertão's culture, this analysis will also focus on discussing how signs in Brazilian culture are articulated in different medias in which translation is perpetuated, such as book, music, musical, and film.

KEYWORDS: translation studies; brazilian literature; intersemiotic translation.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira de cordel é famosa pelo seu jeito de contar histórias populares através de rimas e versos, dispostas em folhetos pendurados em cordas nos quais o público pode ler, ouvir e apreciar esta arte tradicional. No musical “O Mágico di Ó”, estreado em 2019, escrito por Vitor Rocha com coautoria de Luiza Porto, a literatura do sertão nordestino se traduz em uma das peças de musicais mais famosas da Broadway: “O Mágico de Oz”, de 1987. Retomando os conceitos de tradução intersemiótica de Julio Plaza (2010) e a teorização de Schleirmacher (2007) sobre os métodos de traduzir, neste trabalho será feita uma análise da tradução do musical “O Mágico di Ó” e seus percursos na literatura brasileira de cordel, assim como as representações de intersemiosis adaptadas para o palco brasileiro.

Com isso, vou considerar o que cita A'ness (2001) sobre produção teatral entre culturas: “[...] Quando uma peça faz sua viagem (em espaço ou tempo) além

da cultura para a qual foi originalmente concebida, é uma nova comunidade interpretativa com diferentes valores e conceitos culturais, memórias e associações que recebe e interpreta o texto.⁶ (p.227). Isto é, a tradução aqui vai servir como “a ponte entre duas culturas”, em que os elementos culturais se moldam através do tempo (quase um século inteiro) para se adaptarem à contemporaneidade, mantendo os valores culturais aos quais a tradução é destinada. No caso deste musical, temos influências culturais do berço do sertão nordestino sendo resgatados em forma de música de cordel, com uma dupla de “bruxas” repentistas e um vocabulário regionalista como “Cabra de Lata” e “Mamulengo”, que substituem os termos da tradução já conhecida em português brasileiro, “Homem de Lata” e “Espantalho”.

O diálogo entre os diversos signos, portanto, carrega sua própria historicidade a fim de formar uma nova versão daquilo que já foi dito. Na versão brasileira, acompanhamos não só uma releitura de um clássico da Broadway para os dias atuais, como também uma memória da literatura brasileira de cordel sendo traduzida em toda a sua composição de versos, vocabulários e signos (como as vestes de couro dos atores ao se apresentarem no palco, e a pintura de xilogravura em suas maquiagens). Esses signos são não somente importantes para esta tradução, mas também para firmar um ponto de vista do tradutor em virtude do que quer traduzir — neste caso, uma versão de Oz no sertão brasileiro. Como ressalta Julio Plaza (2010):

Se, num primeiro momento, o tradutor detém um estado do passado para operar sobre ele, num segundo momento, ele reatualiza o passado no presente e vice-versa através da tradução carregada de sua própria historicidade, subvertendo a ordem da sucessividade e sobrepondo-lhe a ordem de um novo sistema e da configuração com o momento escolhido. (PLAZA, 2010, p.5)

Em outros termos, ao traduzir um clássico da literatura estadunidense para a literatura de cordel brasileira, Rocha & Porto⁷ trazem também uma nova versão para “O Mágico de Oz”, que irá produzir outros sentidos antes inexistentes na obra. É a forma como esta versão é vista e traduzida que o trabalho se propõe a analisar, e a

⁶ Tradução nossa.

⁷ Será adotado esta denominação para todas as referências a Vitor Rocha e Luiza Porto.

discutir os diálogos dessa intersemiose na música, teatro e literatura de cordel brasileira.

A LITERATURA BRASILEIRA DE CORDEL

Recuperando a literatura portuguesa das folhas volantes no século XVII, a literatura de cordel brasileira mantém a tradição de contar histórias (causos, lendas, fatos cotidianos, etc), muitas vezes orais, e distribuí-las em formato impresso ao pendurá-las em um varal com cordões de barbante. É uma literatura marcada pelo humor, rimas e uma narração instigativa; sendo também vinculada à música popular brasileira.

Essa literatura despontou no Brasil na segunda metade do século XIX, no nordeste brasileiro. Leandro Gomes de Barros, considerado um dos pioneiros da escrita de cordel, escreveu o clássico “Batalha de Oliveiros com Ferrabás”, que conta a história ficcional de um confronto entre dois heróis, temática recorrente no cordel. É também uma literatura marcada pela estrutura poética de quadras, sextilhas, martelos, oitavas, etc., a depender do gênero narrativo. Narrativas estas em que o ponto central, em geral, é alguma problemática a ser resolvida.

Da Silva Lima (2012) também disserta sobre a importância do cordel na construção da MPB Contemporânea no Brasil e na cultura popular como um todo. Pois, como ressalta, “[...] A presença da tradição oral do cordel na Música Popular Brasileira Contemporânea reafirma a importância da cultura popular na construção do que podemos chamar de processo de representação do imaginário poético nacional”(p.16). Entendemos, pois, que esta literatura não só surgiu como uma forma de lembrança da tradição literária portuguesa, mas vem sendo incorporada para a realidade brasileira na época em que se é produzida.

A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

Para falar de tradução, especificamente de tradução na arte e de tradução intersemiótica, retomo uma citação de Schleiermacher (2007), em “Sobre os diferentes métodos de traduzir”:

A saber, quando nós sentimos que as mesmas palavras em nossa boca teriam um sentido inteiramente diferente ou, ao menos, um conteúdo aqui mais forte, ali mais fraco, que na dele e que, se quiséssemos expressar do nosso jeito o mesmo que ele disse, nos serviríamos de palavras e locuções completamente diferentes. (SCHLEIERMACHER, 2007, p.234)

Essa “diferença” apresentada por Schleiermacher, na tradução intersemiótica, se expande em uma gama de conceitos e multimídias que se interceptam no diálogo entre signos para criar um novo sentido transmutado. No caso do “Mágico de Oz”, um musical estadunidense baseado no livro de L. Frank Baum no ano de 1900, a tradução brasileira de Rocha & Porto foi adaptada com elementos que remetem ao que já conhecemos do livro: os personagens, alguns elementos do cenário (como os tijolos amarelos, e o cachorro “Totó” de “Dorotéia”), assim como a temática do “Mágico de Oz”, uma entidade conhecida por conceder desejos através da magia. É interessante, no entanto, perceber como os elementos são transmutados para o público brasileiro. Pois se na cultura estadunidense o “Maravilhoso Mundo de Oz” é uma terra distante e mágica, cheia de coisas desconhecidas até então para a protagonista Dorothy; quando traduzida para cordel, essa terra se torna o sertão do Brasil, um lugar muito familiar para alguns e bem distante para outros, pois é lá que a “mágica” acontece.

Então, essa transmutação de sentidos, a qual Plaza (2010) irá denominar de “transmutação intersígnica”, faz parte do que se entende por tradução intersemiótica. Pois, como cita Plaza:

A Tradução Intersemiótica se pauta [...] pelo uso material de suportes, cujas qualidades e estruturas são os interpretantes dos signos que absorvem, servindo como interfaces, [...] diz mais respeito às transmutações intersígnicas do que exclusivamente à passagem de signos linguísticos. (PLAZA, 2010, p.67)

A transmutação, neste caso, não será apenas pela mudança de sentido do que se entende pelo “Mundo de Oz”, mas também pelo signo que se traduz em outros meios (em seus elementos cenográficos), em música, em literatura de cordel e, inclusive, em memória.

A LITERATURA DE CORDEL TRADUZIDA COMO MÚSICA

Considerando o que propõe Peirce, o signo, na semiótica, opera em relações triádicas dentre três elementos; sendo eles: as qualidades materiais que dão pensamento as qualidades do signo, conexão real que põe um pensamento-signo em relação a outro e sua função representativa (PLAZA, 2010, pg.21). Dessa forma, o signo será algo que evoca algo em alguém dentro de sua materialidade. Assim, considerando a teorização de transmutação intersígnica, percebe-se que o musical opera em relação a estes novos sentidos quando, por exemplo, faz a troca do gênero musical com instrumentos como a flauta doce e o violino, para conter elementos do forró brasileiro, canto repentista e sanfona. Além da música, o teatro também é apresentado no dialeto característico da região sertaneja brasileira, englobando suas gírias, costumes e cultura. Nesse sentido, a tradução intersemiótica será articulada dentre uma série de processos intersígnicos de estruturação, pois, como cita Soares (2017):

Para que uma tradução intersemiótica entre sistemas de signos diferentes seja realizada, é necessário analisar as relações que existem entre todos os elementos envolvidos no processo de entendimento de cada objeto, pois ela acaba sendo um tipo de relação (semiótica e icônica) entre processos multi-estruturados. Traduzir essas ideias em signos implica na necessidade de meios e linguagens, que viabilizem um intercâmbio entre as ideias de cada sistema (SOARES, 2017, p. 23).

Ou seja, necessita-se da compreensão de cada signo a ser traduzido para que se crie uma outra imagem na composição da peça de teatro. A tradução, por tanto, será uma adaptação da forma e das relações estabelecidas entre os signos no processo tradutório, com objetivo de remeter ao sistema de origem ao qual foi adaptado. Podemos ver estas relações no musical “O Mágico di Oz” através das referências à literatura brasileira traduzida na música abaixo. De um lado, temos

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

uma música que integra a trilha musical escrito por Rocha & Porto, que se faz alusão ao cordel de Zé da Luz, “Ai! Se sêssse!”:

<p>Se Sêssse - Elenco do Mágico di Ó</p> <p>Se tudo sêssse do jeito que eu queria Se esse Mágico realmente puder me dar Um arco-íris que cruzasse o céu inteiro E tanta poça... eita! Eu nem posso imaginar [...]</p> <p>TODOS: Se molhasse, se lavasse Se meu Deus furasse o ventre desse céu E pingasse tanta vida Até guarda-chuva ia virar chapéu [...]</p>	<p>Ai! Se sêssse! - Zé da Luz</p> <p>Se um dia nois se gostasse Se um dia nois se queresse Se nois dois se empareasse Se juntim nois dois vivesse Se juntim nois dois morasse Se juntim nois dois drumisse Se juntim nois dois morresse Se pro céu nois assubisse [...]</p>
--	---

Aqui, a relação de transmutação evoca na tradução uma materialização de pensamento em signos que são pensados a partir de outros signos, trazendo o resgate da literatura (na estrutura da música) ao relacionar significados. Rocha & Porto faz um percurso desse intercâmbio de ideias a fim de evocar um novo sentido de familiaridade ao público. Nesta tradução, "O Maravilhoso Mundo di Ó" é fruto de uma série de transmutações que referenciam tanto a literatura e música brasileira, quanto o clássico da Broadway.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, considera-se que o papel da tradução intersemiótica nos Estudos da Tradução salienta uma discussão importante para o processo de tradução e interpretação entre diferentes meios. A partir dessa teoria, somos capazes de entender a transmutação entre os signos e como são manipulados os sentidos entre obra, autor, tradutor e espectador; além de analisar como esse processo considera a materialidade da história em sua elaboração. Nota-se que as escolhas feitas na tradução de Rocha & Porto possuem uma subjetividade que abraça a memória e a cultura do nordeste brasileiro através de música, composição, cenário, e da própria maneira de “se contar uma história, que não sabe onde se começa”. A tradução

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

então se permeia entre o compromisso de interpretar, na visão do tradutor, uma outra maneira de “cantar” sobre uma terra bonita e cheia de magia, e se configurar como um contribuinte à preservação da literatura de cordel brasileira através de sua produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A'NESS, Francine Mary. *The production of a national playwright: Sabina Berman, her audience, and the changing Mexico City stage*. Berkeley: University of California, 2001.

PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. Perspectiva, 2010.

SCHLEIERMACHER, Friedrich ED; BRAIDA, Celso R. *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), v. 14, n. 21, p. 233-265, 2007.

DA SILVA LIMA, Rogério. *O Cordel no contexto da música popular brasileira. Imaginar o Sujeito brasileiro e a Nação pela música popular*. Escritural. Ecritures d'Amérique latine, n°6, dossier "Le Cordel en mouvement", CRLA, Poitiers, (S) ed., 2012. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Rogerio-Lima-6/publication/280157913_O_Cordel_no_contexto_da_musica_popular_brasileira_Imaginar_o_Sujeito_brasileiro_e_a_Nacao_pela_musica_popular/links/55c50eaa08aebc967df38678/O-Cordel-no-conteto-da-musica-popular-brasileira-Imaginar-o-Sujeito-brasileiro-e-a-Nacao-pela-music-a-popular.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

LETTRAS. "Se sésse", o elenco do Mágico di Ó. Disponível em:

<<https://www.letras.mus.br/o-magico-di-o/se-sesse/>>. Acesso em: 26 out. 2023.

SOARES, Joel Mendonça. *A produção de uma capa para um projeto musical de um artista independente: uma tradução intersemiótica*. 2017. 114 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.